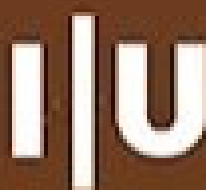


ISSN: 0084-9189

CONIMBRIGA

VOLUME LXII · 2023



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

SARRAZOLA, Alexandre (2021) – *O Lugar de Sarrazola, Arqueologia de Salvaguarda e Crónicas de Contracultura*, Oeiras: Mazu Press, 124 pp., (*Colecção Ensaios*, nº 4), ISBN 978-989-53351-1-4

http://doi.org/10.14195/1647-8657_62_11

Traduz o título as três partes em que o livro se divide: há uma ‘memória’ acerca da atividade arqueológica levada a efeito no sítio de Sarrazola (mera coincidência com o nome do autor), junto a Marinha Baixa, freguesia de Cacia, concelho de Aveiro (pp. 83-120); agudas reflexões sobre a chamada “Arqueologia de Salvaguarda” (pp. 69-82); e a reunião de crónicas breves, geralmente com título em inglês, regularmente publicadas (à exceção de duas) entre 2018 e 2021, na coluna de opinião de *património.pt*.

Revela-se Alexandre Sarrazola um pensador irreverente, lúcido, competente. De currículo multifacetado, dotado de uma cultura invulgar, não deixa de verberar com acrimónia comportamentos pessoais e institucionais que merecem a sua total discordância. Uma prosa nem sempre fácil de seguir por quem não dispõe de conhecimentos eruditos e que não deixa, porém, de vir salpicada de humor. Cito, a propósito da ‘manipulação do medo’:

Tal miasma psicossocial pulveriza com uma morrinha de fagulhas um passeio já de si humedecido de gasolina (p. 17).

A fórmula para opor ordem a caos social é regida por um aparelho de ponteiro tremelicante da igualha do Marégrafo de Cascais: se temos a água a dar-nos pelos joelhos refilemos, mas vamos atravessando o vau; se o topo da linha de ondulação nos dá pelo queixo, rezamos paralisados para que não façam ondas e que, pelo menos, continuemos a respirar. Se nos chega ao nariz, já não temos nada a perder, vamos para a rua partir montras de supermercados e pilhar ombro a ombro com aqueles que na semana passada apelidávamos de párias (p. 18).

A crónica “blind them with science” (‘cega-os com a ciência’) pode também ilustrar esse aspecto quase inacessível para o iletrado comum: “Já se sabe, quem foi parar a Madagáscar agigantou-se ou ficou anão. *The flight of the dodo*. Só o do ponto de chegada, já que da ilha, por nanismo ou gigantismo, ninguém mais se evade” (p. 27).

Referência à história narrada por Peter Brown (2005). Quantos a conhecerão? E até poderão perguntar: que tem a ver Madagáscar com isso? O cerne da crónica poderá vir logo a seguir: “A mediocridade parece ter assaltado vários lugares de liderança e influência e já se sabe: se discutirmos com um estúpido ele puxa-nos para a arena da estupidez e vence-nos aos pontos”. Também já Isaiah Berlin sabia muito bem que *a fox knows many things, but a hedgehog one important thing* – “os cegos vão guiando outros cegos e tão pouco reparam nos ouriços e raposas que se lhes atravessam no caminho” (p. 27).

Referência esta agora ao livro de 1953, citado na bibliografia, em que, a propósito do comportamento da raposa e do ouriço (o tal que só sabe uma coisa: eriçar-se perante a eminência do perigo), Isaiah Berlin tece considerações acerca da visão da História em Tolstoi.

Não é de fácil leitura, pois, a destas crónicas. Porventura, o autor as quis assim, meio metafóricas e, até, crípticas, esotéricas, para obrigar a pensar – que esse, afinal, deve ser o objetivo duma boa crónica. Aliás, não se refere Sarrazola, por mais do que uma vez, à última palavra d’*Os Lusíadas*, por saber quanto ela manobra, obscura, nos meandros quotidianos?

Meandrosos são, também, os parágrafos de Sarrazola, de modo que pode acontecer descobrirmos, de supetão, que está a sugerir uma mudança vital na legislação arqueológica: em vez de o arqueólogo pedir autorização para levar a cabo uma intervenção arqueológica, melhor seria que, na lei, viesse a obrigação não de *pedir* mas de *informar*: “E depois venha a Tutela – bem-vinda o será – fiscalizar, avaliar, tutelar” (p. 32).

A legislação, eterno cavalo de batalha de todos e dos arqueólogos em particular, porque até houve uma Lei do Património Cultural que foi revogada “sem nunca ter sido objecto de regulamento” (p. 71). Aliás, “é uma tónica recorrente o lamento em fóruns públicos que decisões determinantes na Administração Pública *lato sensu* estejam sob a alçada de quadros intermédios que actuam com parco conhecimento da real realidade das coisas”. Tudo isso potenciado pela tendência a que esses quadros se tornem perenes “e as suas direcções rotativas” (p. 75). Uma articulação entre todos: arqueólogos, legisladores, empreendedores, cidadãos e tutela torna-se absolutamente necessária neste “palco de interesses e decisões amiúde antagónicas” (p. 78).

A memória sobre o Lugar de Sarrazola visa mostrar como essa intervenção – “o seu projecto de investigação e antecedentes acções de prevenção, desde a fase de estudo prévio à divulgação para a cidadania” – representa “um exemplo de Arqueologia de Salvaguarda consentâneo com o modelo que é proposto no presente ensaio” (pp. 86-87).

Os estudos efetuados levaram a concluir da grande importância estratégica do sítio, mormente por estar na desembocadura do rio Vouga e ter, assim, uma ligação fluvial a Cabeço do Vouga (Águeda), “povoado fortificado sobranceiro à via *ad Bracaram*” (p. 100). Continuamente ocupado desde a época romana até à Antiguidade Tardia, com funções portuárias de relevo, não sendo de descurar – e este é um dos pontos a reter! – a descoberta de que os fornos

tardo-romanos de Sarrazola tiveram um “carácter plurifuncional”: de cerâmica e de vidro, não sendo inviável pensar que por ali passaram, em época tardia, “grupos de artífices vidreiros itinerantes que num determinado local faziam uso das estruturas oficinais disponíveis para a produção do vidro, independentemente da função para que teriam sido concebidas, desde que permitissem uma efectiva operacionalidade” (p. 105).

Páginas que de ligeiras só têm a aparência. E abarcam uma infinidade de temas! Até a necessidade, que se preconiza, de reabrir todas as linhas ferroviárias “em hibernação”: “Dou só o caso da chegada à estação de Barca de Alva; que desperdício um tal monumento devoluto e seus comboios guardados às peças de um puzzle incompleto” (p. 42).

José d’Encarnação

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Arqueologia,

Artes e Ciências do Património

jde@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>

1 2  9 0

UNIVERSIDADE D
COIMBRA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



 Santander Totta